

A Polícia de Sempre

RUBEM BRAGA

1239

HA' muitas formas e graus de desenvolvimento; a Polícia do Rio de Janeiro fornece os melhores paradigmas do subdesenvolvimento moral do Brasil.

Não é de hoje que jornalistas e parlamentares clamam contra seus escândalos e suas misérias; o efeito dessas campanhas, quando há algum, é passageiro. Veja-se o caso dessa famosa Revolução que fêz tanto alarde de seu moralismo, e tantas injustiças e crimes praticou em nome da luta contra corrupção. Ela não tocou sequer de leve nessa máquina corrupta, que é azetada pelo jôgo e pelo lenocínio.

Recordemos as memoráveis campanhas do sr. Carlos Lacerda contra êsses males vergonhosos; pois sob o seu governo persistiram ou pioraram êsses males antigos.

No momento não se sabe de prêsos políticos que estejam sendo maltratados, mas a imprensa tem notícia de com luxo de detalhes as violências e torturas praticadas pela Polícia Militar e pela Delegacia de Roubos e Furtos. O «pau de arara», o «telefone» e outras muitas formas de torturas, até o assassinio, continuam a ser práticas de rotina.

Agora mesmo, no inquérito que uma autoridade zelosa fêz abrir, vemos que policiais estranhos aos fatos tudo fazem para proteger e acobertar seus colegas acusados. Chegam a ameaçar a imprensa. Contra o depoimento de um prêso que foi torturado, joga-se, com o maior cinismo, o de outro prêso, que também foi torturado, mas que teme coisas piores se disser a verdade. Isso quer dizer que a grita da imprensa não conseguiu criar o clima necessário à apuração da verdade: os criminosos sentem-se em casa, nenhum foi afastado de suas funções, todos estão no seu próprio meio, entre cumpinchas e superiores benévolo.

Diz um jornal que o governador Negrão de Lima, ao saber do que acontecera, ficou indignado e jurou que iria interferir pessoalmente para castigar os culpados. Não o fêz, que se saiba. Também o general Dario Coelho estaria indignado. Essa indignação dos altos escalões não tem efeito algum quando não se traduz em medidas concretas para elucidar crimes especialmente difíceis de elucidar, por isso mesmo que são praticados dentro da organização policial, por autoridades policiais.

Antes de deixar o govêrno o marechal Castelo Branco baixou, por decreto, uma lei de segurança perfeitamente ignóbil. Não é dêsse tipo de lei de segurança que estamos precisados. Não é a segurança do Estado que está ameaçada no Brasil — é a segurança do homem comum, principalmente do homem pobre, do cidadão trabalhador, sem qualquer defesa contra a estupidez policial.

Quantas reformas fêz o último govêrno, na sua enxurrada de decretos de última hora, que até com o comportamento das decaídas na rua se preocupou! Pois na Polícia não se mexeu.

Grande será o Govêrno que fizer a reforma da Polícia — que nos der uma Polícia eficiente, honesta, bem equipada, espiritual e materialmente, para combater o crime e assegurar a tranqüillidade pública. Por que ninguém ao menos tenta fazer isso?

DN- 30.3.67